

áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



História da Filosofia

Filosofia Antiga

Áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



HISTÓRIA DA FILOSOFIA filosofia Antiga



Série: Áreas da Filosofia, n.º 8 | Filosofia Antiga

Seleção: Emília Laranjeira

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Filosofia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Filosofia* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.



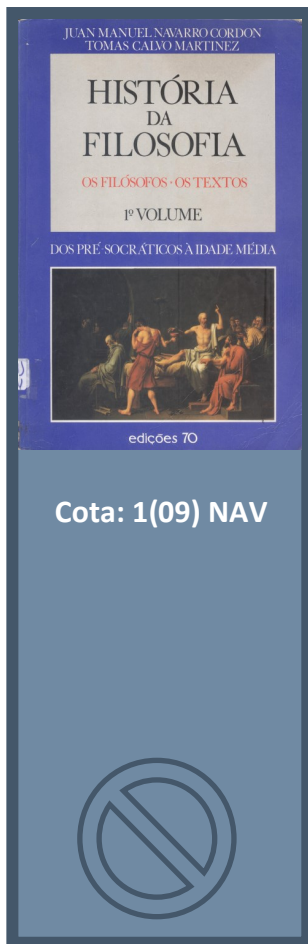
A partir do século VII a. C., operou-se uma profunda transformação na sociedade grega. O comércio assume uma importância definitiva. Aparece a moeda. As viagens trarão consigo novos conhecimentos técnicos e geográficos, o contacto com outras civilizações e formas de vida, novos conhecimentos de etnologia. Nas mentes mais despertas, a sabedoria popular, representada pelos ensinamentos rotineiros dos poetas antigos, começa a aparecer como inadequada: no que diz respeito à moral, os valores bélicos e aristocráticos encontram-se desfasados, já que as relações comerciais exigem novas normas de justiça e de direito como base para as trocas; no que respeita à teologia homérica, o conhecimento de outros povos cria a convicção de que cada povo e cada raça se representam os deuses de maneira diferente; em suma, abre-se caminho à convicção de que a interpretação do universo e da convivência humana deve assentar em bases inteligíveis, racionais. (p. 22)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



Os Gregos tiveram o senso inato do que significa “natureza”. O conceito de natureza, elaborado por eles em primeira mão, tem indubitável origem na sua constituição espiritual. Muito antes de o espírito grego ter delineado essa ideia, eles já consideravam as coisas do mundo numa perspectiva tal que nenhuma delas lhes aparecia como parte isolada do resto, mas sempre como um todo ordenado em conexão viva, na e pela qual tudo ganhava posição e sentido. (...) A tendência do espírito grego para a clara apreensão das leis do real, tendência patente em todas as esferas da vida – pensamento, linguagem, ação e todas as formas de arte, radica-se nesta concepção do ser como estrutura natural. Isto aplica-se ainda à criação mais bela do espírito grego, ao mais eloquente testemunho da sua estrutura ímpar: a filosofia. (...) Todos os povos criaram o seu código de leis; mas os Gregos buscaram a “lei” que age nas próprias coisas, e procuram reger por ela a vida e o pensamento do homem. O povo grego é o povo filosófico por excelência. (pp. 10-11)

Jaeger, Werner (1993). *Paidéia: a formação do homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes.



Cota: 1(09) NAV

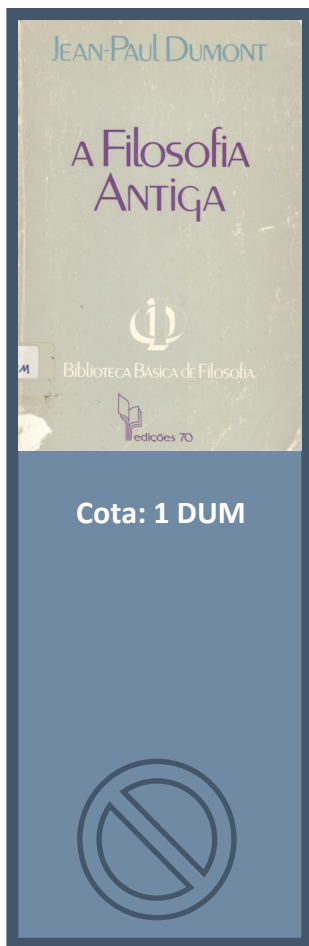
A Filosofia surge, na Grécia, aproximadamente nos começos do séc. VI a. C. Como as restantes culturas antigas, a cultura grega fundava-se no Mito, transmitido e ensinado pelos poetas, educadores do povo, especialmente Homero e Hesíodo. Através de complexas narrações e doutrinas sobre os deuses e os homens, sobre as forças que intervêm ativamente nos acontecimentos cósmicos e humanos, o mito oferecia respostas orientadoras acerca da natureza e destino do ser humano, acerca da origem e das normas da sociedade em que o indivíduo se encontra inserido e acerca do aparecimento e estrutura do Cosmos. Filosofia [surgiu com] o propósito de racionalizar a interpretação do homem e do universo, das relações dos homens entre si e destes com a natureza. (...) A atitude filosófica é radical num duplo sentido: na medida em que as suas questões abarcam a totalidade do real e na medida em que pretende atingir os princípios explicativos últimos do real. (p. 9)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



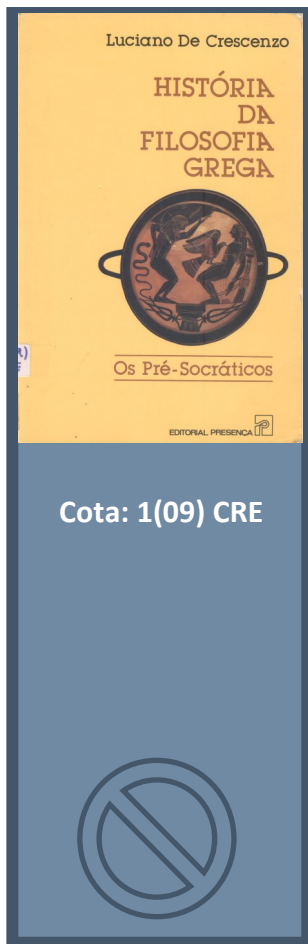
Estabelecido este duplo uso do termo (como universo na sua totalidade e como ser intrínseco, permanente das coisas), salientaremos em seguida os aspetos que caracterizam a natureza, segundo a filosofia grega. Em primeiro lugar, o conceito de natureza (...) referida—ainda indissolúvelmente ligado ao conceito de necessidade (...). No tocante ao Universo como totalidade, a necessidade traduz-se no facto de aquele ser um todo ordenado, um Cosmos e não um Caos. Pois bem, o Universo só poderia ser um todo ordenado se os diferentes seres que o integram (os astros, a Terra, os elementos, os seres vivos) estivessem no seu lugar e se comportassem da forma que lhes compete (...) A natureza não é algo estático, inerte. O Universo como totalidade revela uma ordem dinâmica, na qual os movimentos dos astros, as estações, as gerações dos seres vivos, etc., se sucedem ordenadamente. A natureza é, pois, dinâmica. (...) A natureza implica, pois, movimento e atividade, mas movimento e atividade intrínsecos e próprios do ser natural. (pp. 26-27)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



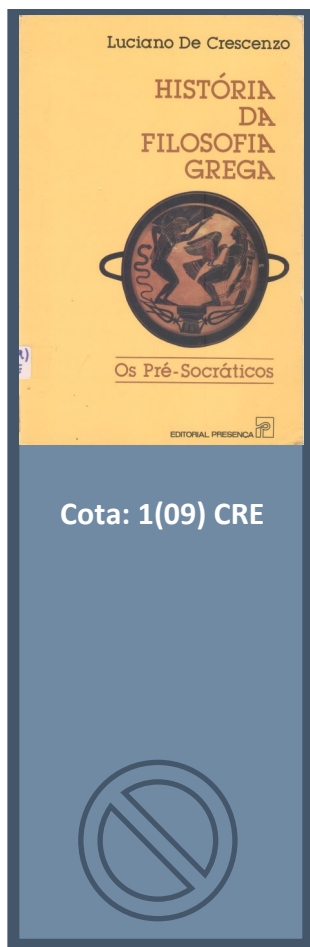
Os primeiros físicos ou naturalistas desenvolveram um esforço no sentido de apresentar uma explicação do mundo e de compreensão da natureza e, por isso mesmo, são apelidados de «fisiólogos», simples transcrição das palavras gregas *physis* e *logos* que designam respetivamente a natureza, ou seja, tudo o que está sujeito a transformação e evolução, e a ciência, ou seja, o discurso relativo à mesma. Entre os mais célebres, conta-se o jónico Heraclito e seus predecessores imediatos da escola de Mileto: Tales, Anaximandro e Anaxímenes. (...) Tales precisa que, para todo o ser, a sua proveniência, é alimento; a substância húmida provem da água que se alimenta, portanto, a terra admite a água como princípio fundamental, repousa sobre ela, flutuando sobre este elemento. (...) Assim, Tales recusa o politeísmo, considerando a multiplicidade de deuses como antigas crenças: o Deus, ou mais precisamente, a «divindade» é a inteligência, que faz girar o mundo graças à participação de demónios (daímones); ora esta inteligência constitui um todo com a água, o elemento primeiro. (pp. 18- 19)

Dumont, Jean-Paul (1981). *A filosofia antiga*. Lisboa: Edições 70.



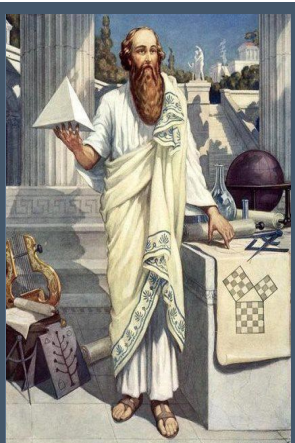
Tales verificava que tudo o que, na natureza, é vivo é também húmido. Por exemplo; as plantas são húmidas, o sémen é húmido, ao passo que as rochas são secas e os cadáveres depressa secam. A sua frase predileta era a seguinte: «A água é a coisa mais bela do mundo.» Convém não esquecer que a formação cultural de Tales se fizera em zonas áridas como o Egipto e a Mesopotâmia, onde o culto da água se fazia sentir mais, até porque nesses países o transbordar dos rios fomentava a agricultura e, por conseguinte, a sobrevivência das populações... (pp. 33-34)

Crescenzo, Luciano de (1988). *História da filosofia Grega: os Pré-Socráticos*. Lisboa: Presença.



(...) Estou, porém, convencido de que Tales, ao defender a equação «água igual a vida», quis exprimir um conceito muito mais elevado do que a simples constatação de que a água estava sempre presente em todas as criaturas da Terra. (...) Em resumo, Tales ocupa um lugar muito importante na História da Filosofia não tanto pelas respostas que deu a certas interrogações como pelas perguntas que houve por bem fazer a si próprio. Olhar à sua volta, esforçar-se por refletir, não atribuir aos deuses a solução de todos os mistérios, foi o primeiro passo do pensamento ocidental em direção à interpretação do Universo. (...) Em resumo, Tales ocupa um lugar muito importante na História da Filosofia não tanto pelas respostas que deu a certas interrogações como pelas perguntas que houve por bem fazer a si próprio. Olhar à sua volta, esforçar-se por refletir, não atribuir aos deuses a solução de todos os mistérios, foi o primeiro passo do pensamento ocidental em direção à interpretação do Universo. (pp. 34-35)

Crescenzo, Luciano de (1988). *História da filosofia Grega: os Pré-Socráticos*. Lisboa: Presença.

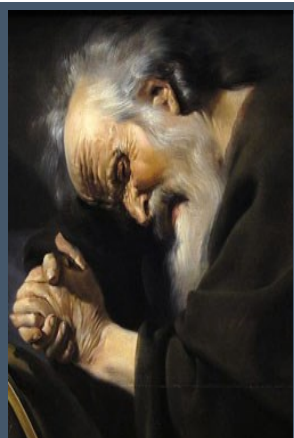


Cota: 1(09) NAV
Pitágoras



Os pitagóricos foram sobretudo matemáticos (...) e a sua dedicação às matemáticas exerceu influência definitiva na sua explicação acerca da origem da natureza (origem, substrato e causa) do real. Observaram, com efeito, como múltiplas propriedades e comportamentos dos seres reais podem ser formulados matematicamente e partiram da hipótese de que todos os seres do Universo – o que são e a sua forma de comportar-se – são formuláveis matematicamente. Porque é que os seres do Universo se acomodam às matemáticas? Os pitagóricos consideraram como única explicação possível que os princípios das matemáticas são também os princípios dos seres reais, e como os princípios das matemáticas são os números, afirmaram que os números constituem a natureza do Universo. (pp. 31-32)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



Cota: 1(09) NAV

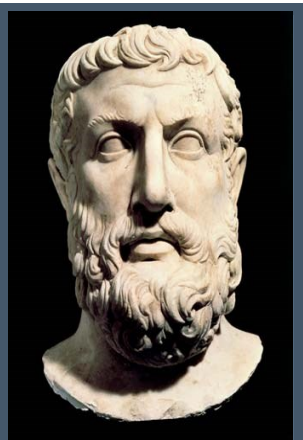
Heraclito



HERACLITO é tradicionalmente considerado como o filósofo que afirmou radicalmente que tudo muda e nada permanece, que o Universo mais não é do que contínuo devir no qual a lei da identidade – a identidade de cada coisa consigo mesma – carece de vigência, pois todas as coisas estão submetidas a uma contínua transformação. Tudo muda, com efeito, mas o devir não é irracional, caótico, já que se realiza de acordo com certas leis e proporções. A lei ou logos interno do devir universal constitui o verdadeiro princípio explicativo do Universo. ...a lei que rege o Universo é a luta dos contrários, a harmonia que caracteriza o Universo (...) não é, afinal, uma harmonia estática, mas o equilíbrio dinâmico das tensões entre os contrários, uma harmonia tensa «como acontece com o arco e a lira». (pp. 32-33)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa:

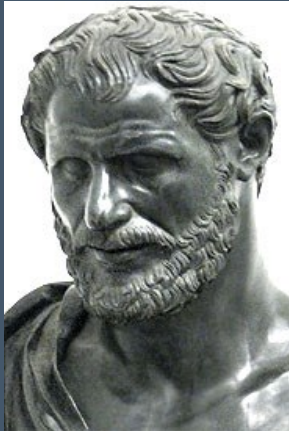
Edições 70.



Cota: 1(09) NAV
Parménides



PARMÉNIDES representa um marco decisivo na evolução da filosofia grega. (...) A partir de uma única realidade é impossível que surja a pluralidade, contra o que afirmavam os milésios (...) Efetivamente, suponhamos que originalmente existia apenas água: porque não continua a existir somente água? Se existia apenas água, esta não pôde gerar-se a partir de outra substância (que, por hipótese, não existia) e muito menos transformar-se noutra coisa ou desaparecer (que poderia fazê-la desaparecer ou transformar-se, se além dela nada mais existe?). O que desde sempre não existe nem existia, não pode, pois, originar-se; o que existe desde sempre não pode ser destruído. (...) b) Parménides deduz também que o que existe deverá ser único, isto é, uma única realidade. Parménides, dentro das coordenadas da explicação racional expostas no capítulo anterior, elimina a mudança ao afirmar o permanente, elimina o que as coisas parecem ser (múltiplas e mutáveis) ao afirmar o que são (uma única realidade), elimina a pluralidade ao estabelecer a unidade, elimina, finalmente, o conhecimento sensível sacrificando-o no altar da razão. (p. 33)



Cota: 1(09) NAV
Demócrito



DEMÓCRITO com seu mestre, Leucipo – ofereceu uma resposta mais audaz e mais radical do que a de Parménides. (...) Juntamente com os átomos, o vazio faz parte da natureza do Universo. O papel desempenhado pelo vazio é decisivo. Não só torna possível a pluralidade como também o movimento. (...)

O atomismo de Leucipo e Demócrito estabeleceu definitivamente uma concepção, um modelo mecanicista da natureza levado até às últimas consequências: o Universo não é presidido por plano algum traçado por uma Inteligência transcendente, e não existe tão pouco finalidade imanente que forneça inteligibilidade aos processos naturais. O Universo é o resultado de uma necessidade cega e opaca que, para o homem, acaba por confundir-se com o acaso. O modelo mecanicista permanecerá como modelo sempre disponível que, após um longo período de obscurecimento, voltará a ressurgir com veemência a partir da Modernidade. (p. 36)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



Os sofistas defendiam o caráter convencional não só das instituições políticas, mas também das normas morais: o que considera bom e mau, justo e injusto, louvável e repreensível, não é fixo, absoluto, universalmente válido e imutável. A comparação entre as normas de conduta vigentes e a natureza humana tem sido de uma transcendência capital na nossa cultura. O que é verdadeiramente absoluto, imutável (isto é, comum a todos os homens), é a natureza humana. O que é, então, o natural do homem? De um modo geral, poderia responder-se que é o que ficaria, se eliminássemos tudo o que adquirimos através dos ensinamentos que nos foram inculcados. Os sofistas, especialmente os da segunda geração, como Calicles e Trasímaco, utilizaram a criança e o animal como exemplos do que é a natureza humana, prescindindo dos elementos culturais adquiridos. Destes dois modelos deduzem que só há duas normas naturais de comportamento: a busca do prazer (a criança chora quando sente dor e sorri feliz quando experimenta prazer) e o domínio do mais forte (entre os animais, o macho mais forte domina os outros). (pp. 56-57)

(Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



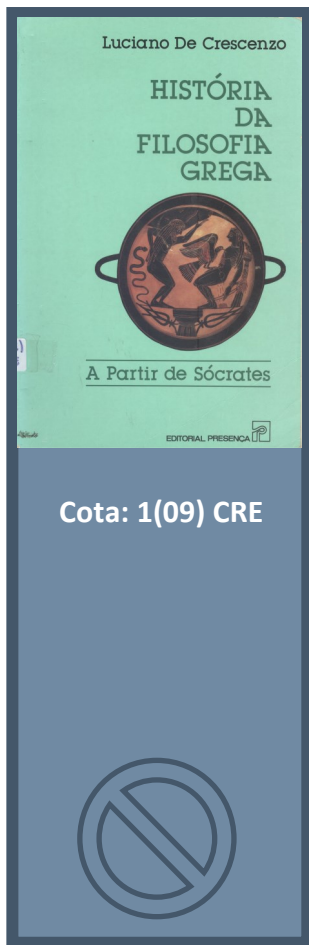
(...) Tudo isto da filosofia começou verdadeiramente com um homem muito especial, que fazia demasiadas perguntas. (...) Na sua juventude, Sócrates fora um valente soldado e opusera-se àqueles que pretendiam impor uma ditadura que acabasse com a democracia ateniense. Mas, depois, dedicou-se a uma tarefa estranha, algo que ninguém fizera antes dele: passava os dias a fazer perguntas aos cidadãos, discutindo em seguida com eles as suas respostas (...) E abordava, com as suas perguntas, toda a gente... pelo menos, toda a gente que deixava (...) Mas Sócrates fazia perguntas sobre o quê? Bem, ele gostava de recordar uma antiga recomendação do oráculo de Delfos, através do qual se supunha que falasse o próprio Apolo: «Conhece-te a ti próprio.» E também costumava contar que um seu conhecido tinha perguntado ao mesmo oráculo qual era o homem mais sábio de Atenas e que o oráculo respondera: «Sócrates.» Esta resposta deixou Sócrates estupefacto (pp. 25-26)

Savater, Fernando (2010). *História da filosofia sem medo nem pavor*. Lisboa: Planeta.



Mas se ele não sabia mesmo nada de nada! Estaria o oráculo enganado? Era difícil acreditar nisso, embora fosse também difícil compreender o sentido das suas palavras. «O mais sábio dos atenienses? Como podia ser! Por que me chamará o oráculo “sábio”? Estará a fazer pouco de mim? Eu só sei uma coisa, pensou Sócrates, «só sei que nada sei. Ah, mas isso já é saber alguma coisa. E se os outros atenienses também não soubessem de facto nada, como se passa comigo, mas nem sequer se dessem conta de que não sabem? Nesse caso, continuou a dizer-se Sócrates, «eu conheço-me a mim próprio um pouco melhor do que eles se conhecem, porque eu sei que sou ignorante e os outros vivem todos satisfeitos, sem se darem conta de que o são.» (p. 26)

Savater, Fernando (2010). *História da filosofia sem medo nem pavor*. Lisboa: Planeta.



Quando Sócrates afirma «sei que nada sei», não nega a existência da verdade (como os sofistas tinham feito), antes incita à procura dessa verdade. É como se dissesse: «Atenção, a verdade existe, embora eu não a conheça; no entanto, como não posso acreditar que aquele que a tenha conhecido a não tenha levado em conta, penso que é indispensável atingir o “conhecimento”. De facto, só assim poderemos saber com certeza o que é o Bem.» O que deve fazer-se para se atingir o conhecimento?, pergunta Sócrates. (...) Para a primeira fase, a que poderemos chamar «operação de limpeza», ou *pars destruens* para os amantes do latim, Sócrates serve-se da ironia. A palavra deriva do grego e quer dizer «interrogar dissimulando» (...) Não há quem se lhe compare nessa arte. Manifestando a mais absoluta ignorância e ingenuidade, finge sempre que quer aprender com o seu interlocutor, pedindo-lhe explicações constantes; por fim, coloca-o perante as suas próprias contradições... (pp. 38-39)

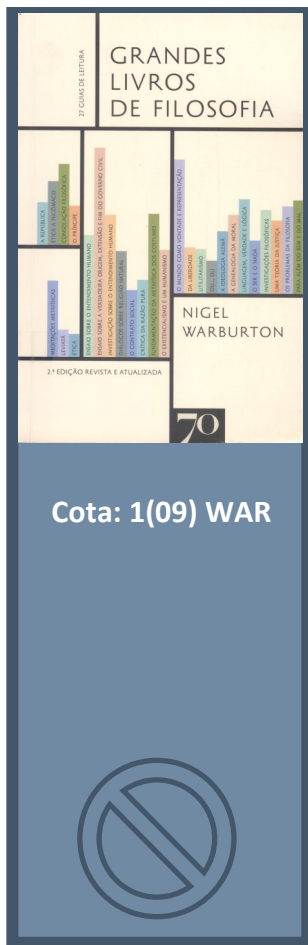
Crescenzo, Luciano de (1988). *História da filosofia Grega: a partir de Sócrates*. Lisboa: Presença.



Cota: 1(09) NAV
Platão

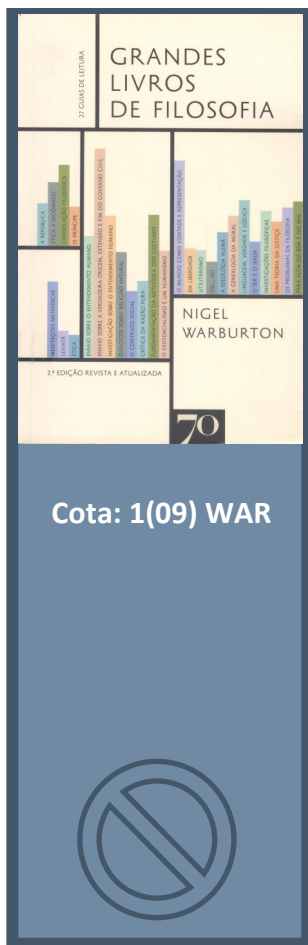


«Perante o relativismo moral dos sofistas, Sócrates estava convencido de que os conceitos morais podem ser fixados racionalmente mediante uma definição rigorosa: mesmo quando seja difícil de definir como, por exemplo, o conceito de justiça, este pode ser definido e a busca da sua definição constitui uma tarefa indeclinável e urgente para todo o ser humano, que não viva a sua vida irrefletidamente, e para toda a sociedade que pretende estruturar-se de acordo com uma ordem razoável. Platão participa desta convicção socrática, mais ainda, o carácter absoluto dos conceitos ético-políticos encontrou a sua expressão mais radical na teoria das Ideias (existência da Justiça em si, da Bondade em si, etc.) independentes das opiniões humanas a seu respeito. Partamos, pois, do facto de que é possível definir a justiça de um modo absoluto, de acordo com a convicção socrática e platónica. Como defini-la? (p. 67)



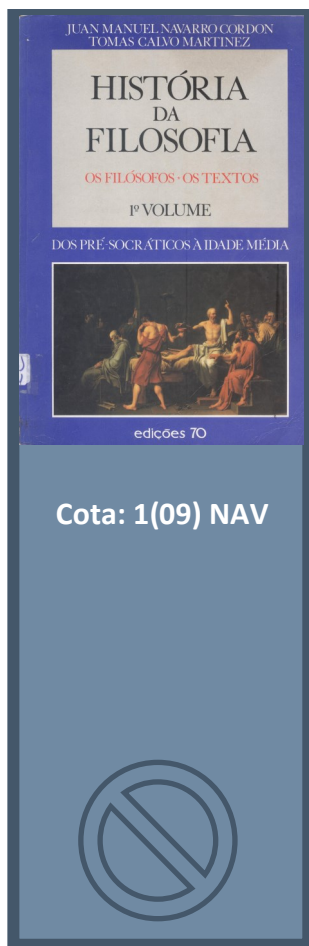
Imagine-se uma caverna. Alguns prisioneiros estão acorrentados de frente para a parede mais distante. Foram obrigados a permanecer na caverna durante toda a vida e as suas cabeças são mantidas na mesma posição por forma a que não consigam ver nada para além da parede da caverna. Por trás dos prisioneiros, há uma fogueira e entre a fogueira e as costas daqueles existe uma estrada. Várias pessoas caminham ao longo da estrada, projetando as suas sombras na parede da caverna; algumas de entre elas carregam modelos de animais cujas sombras são também projetadas na parede. Tudo o que os prisioneiros na caverna conseguem ver são sombras, acreditando que estas são a única realidade que existe porque não conhecem mais nada, mas nunca chegam, efetivamente, a ver pessoas reais... (p. 13)

Warburton, Nigel (2013). *Grandes livros da filosofia*. Lisboa: Edições 70.



A alegoria dos prisioneiros na caverna ocorre a meio da obra-prima de Platão, *A República*, e proporciona uma representação notável da teoria das Ideias deste filósofo, a sua explicação da natureza da realidade. Para Platão, a maior parte da humanidade, tal como os prisioneiros, contenta-se com um mundo de meras aparências. Apenas os filósofos são capazes de efetuar a viagem para fora da caverna e aprender a conhecer as coisas tal como elas são; apenas estes podem atingir o verdadeiro conhecimento. O mundo da perceção quotidiana está em constante devir e é imperfeito. Mas o mundo das Ideias ao qual os filósofos têm acesso é imutável e perfeito. Não pode, por isso, ser apreendido pelos cinco sentidos: só através do pensamento se pode experimentar as Ideias. (p. 14)

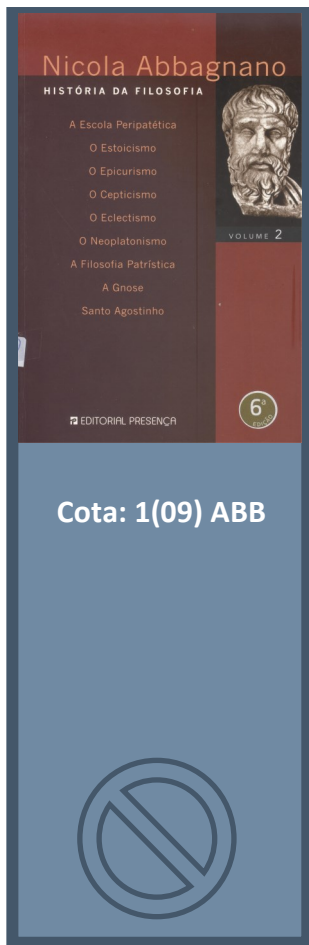
Warburton, Nigel (2013). *Grandes livros da filosofia*. Lisboa: Edições 70.



Cota: 1(09) NAV

Na sua ética, Aristóteles parte do princípio de que o fim último, a meta última de todos os seres humanos é a felicidade. Com esta afirmação estarão certamente de acordo todos os homens, seja qual for o seu credo ou convicções. O desacordo começa ao concretizar em que consiste a felicidade. (...) Como determinar em que consiste a felicidade? Perante esta pergunta há basicamente duas atitudes. A primeira consiste em deixar que cada qual decida individualmente e a seu talante o que o pode fazer feliz: tal atitude renuncia à teoria moral, isto é, renuncia a encontrar um modelo generalizável de felicidade, desinteressando-se da pergunta, sem tentar sequer responder-lhe. Se, ao contrário, se adota uma atitude teórica, como faz Aristóteles, a pergunta só pode ser respondida analisando a natureza humana. (...) Aristóteles volta-se para o estudo da natureza humana, estabelecendo um segundo princípio: cada ser é feliz, realizando a atividade que lhe é própria e natural. (p. 68)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia* (vol. 1). Lisboa: Edições 70.



Aristóteles considera a vida teorética como a mais alta manifestação da vida do homem e ele mesmo encara e defende com a sua obra os interesses desta atividade, levando a sua investigação a todos os ramos do cognoscível. Só a partir dos Cínicos o equilíbrio harmónico entre ciência e virtude se rompe pela primeira vez: eles puseram o acento no peso da virtude em detrimento da ciência e tornaram-se partidários de um ideal moral propagandístico e popularucho, chegando a ser gravemente infiéis aos ensinamentos do seu mestre. O objetivo imediato e urgente é a busca de uma orientação moral, à qual deve estar subordinada, como ao seu fim, a orientação teorética. O pensamento deve servir a vida, não a vida o pensamento. (...) A filosofia é, ainda e sempre, procura; mas procura de uma orientação moral, de uma conduta de vida que não tem já o seu centro e a sua unidade na ciência, mas subordina a si a ciência como o meio ao fim. (pp. 10-11)

Abbagnano, Nicola (2010). *História da filosofia* (6.^a ed.) (vol. 2). Lisboa: Presença.

History of Philosophy
without any gaps

Buy the book

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity ▾

Islamic World ▾



Episodes

Blog posts

Comments

Twitter

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]



History of Philosophy
without any gaps

Home

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity

All Episodes

All episodes published so far are listed below, or for lists of episodes relevant introductory pages:

Episodes 1 - 14: The Presocratics



- 1 - Everything is Full of Gods: Thales
- 2 - Infinity and Beyond: Anaximander and Anaximenes
- 3 - Created In Our Image: Xenophanes Against Greek Religion
- 4 - The Man With The Golden Thigh: Pythagoras

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]





Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016